

Banda Sinfónica Portuguesa

21 Nov 2021
12:00 Sala Suggia

Diogo Costa direcção musical

Adam Gorb

Adrenaline City (2007; c.8min)

Kenneth Hesketh

Vranjanka (2005; c.8min)

Ralph Vaughan Williams

Toccata Marziale (1924; c.5min)

Arnold Schoenberg

Tema e variações, op. 43a (1943; c.12min)

1. Tema: Poco allegro
2. Variação
3. Variação: Allegro molto
4. Variação: Poco adagio
5. Variação: Tempo di valse
6. Variação: Molto moderato
7. Variação: Allegro
8. Variação: Moderato
9. Finale: Moderato

Vincent Persichetti

Sinfonia n.º 6, para banda (1956; c.18min)

1. Adagio allegro
2. Adagio sostenuto
3. Allegretto
4. Vivace

O compositor **Adam Gorb** (Reino Unido, 1958) tornou-se especialmente conhecido depois de a sua obra *Metropolis* ser premiada com o Walter Beeler Prize (EUA, 1994). Mas o início da sua produção remonta ainda à infância — começou a compor aos 10 anos de idade. Estudou na Universidade de Cambridge e na Royal Academy of Music, e tem ensinado em várias instituições de prestígio, com destaque para o Royal Northern College of Music em Manchester. É uma das grandes referências no repertório para orquestras de sopro a nível mundial, com uma obra que se estende também a muitas outras formações.

Sobre a obra em programa, escreve o compositor: “*Adrenaline City* é uma abertura de concerto inspirada pelo stress e pela vida vibrante do século XXI. Encontra-se estruturada numa forma sonata e o compasso assinalado na partitura é de 10/8. A aspereza e a dissonância do momento inicial são contrabalançadas por um tema doce e suave que surge nos saxofones. A percussão destaca-se na secção intermédia e, no final da obra, a tensão harmónica atinge um ponto de ruptura, resolvendo em seguida no centro tonal da obra, Lá.”

Kenneth Hesketh (Reino Unido, 1968) tem-se notabilizado em diversos géneros, compondo música de dança, orquestral, de câmara, vocal e para instrumento solo. Escreveu a primeira obra para orquestra com apenas 13 anos e recebeu a primeira encomenda da Filarmónica Real de Liverpool aos dezanove. Estudou no Royal College of Music (Londres) e na Universidade de Michigan. Tem sido galardoado com diversos prémios de composição e recebido encomendas de agrupamentos e instituições internacionais. As suas obras foram gravadas por várias editoras: BIS, NMC, London Sinfonietta, Psappha e Prima Facie. Lecciona composição e orquestração no Royal College of Music e é professor honorário na Universidade de Liverpool.

A propósito da obra em programa, o compositor escreveu: “*Vranjanka* (o título significa ‘De Vranje’, uma cidade no sul da Sérvia) é inspirada na canção folclórica *Šano Dušo*. (...) A forma musical da peça é a seguinte: uma secção introdutória bastante lenta apenas sugere o tema, que na verdade nunca chega a ser tocado; uma segunda secção, mais rápida, traz um conjunto de variações sobre a canção folclórica. Não são variações no sentido tradicional do termo, com inícios e finais claramente marcados, antes desenvolvimentos contínuos de vários elementos melódicos da canção a crescer lado a lado com o material original. O texto influenciou a composição da peça num nível mais inconsciente, mas encontra-se aqui incluído para referência: *Sana, minha alma*,

abre as tuas portas para mim./Abre-me a porta e eu vou recompensar-te./O meu coração arde por ti, Sana./O teu belo rosto, Sana, é neve das montanhas./a tua testa, Sana, é como o luar./A tua boca, Sana, é como o pôr-do-sol de um vermelho profundo./Esse olhar, meu amor, incendeia-me./Quando a noite chega, deslumbrante Sana, contorço-me em tristeza./A tua beleza, Sana, não me vai deixar dormir.”

Ralph Vaughan Williams (Reino Unido, 1872-1958) nasceu no ano de 1872. Viria a tornar-se uma das maiores figuras da cultura britânica, assumindo-se como o criador de uma música de raiz inglesa inspirada no folclore mas extremamente individual no seu estilo. Grande sinfonista, autor de sete obras dentro do género, deu também um significativo contributo ao repertório coral e vocal inglês do século XX, tanto no âmbito da música sacra como no da música profana com base em textos de grandes poetas britânicos.

A obra em programa, *Toccatta Marziale*, foi escrita em 1924 para a Exposição do Império Britânico, em Wembley. Consolidou-se enquanto uma peça importante do catálogo das orquestras de sopros, apesar de ter sido apenas a segunda escrita pelo compositor para este tipo de formação.

Arnold Schoenberg (Áustria, 1874 — EUA, 1951) foi uma das figuras mais importantes e influentes da música do século XX. Foi o criador e grande impulsionador do dodecafonismo — técnica de escrita musical em que nenhum dos 12 sons da escala cromática tem maior importância do que os outros. Tinha um grande conhecimento prático e teórico da música e da sua evolução, tendo afirmado: “sou um conservador que foi forçado a tornar-se revolucionário”. De formação essencialmente autodidacta, para além de intérprete (tocou violino e violoncelo) e compositor, foi um teórico e pedagogo notável. Deixou trabalhos e escritos fundamentais sobre as bases da composição e da análise musical. Schoenberg foi a figura central da Segunda Escola de Viena, juntamente com os seus brilhantes discípulos Alban Berg e Anton Webern.

Tema e Variações, op. 43a foi escrita em 1943 como resposta a numerosos pedidos de composição de uma obra para orquestra de sopros pelo seu amigo Carl Engel. Numa carta escrita a Fritz Reiner, Schoenberg afirmou “esta não é uma das minhas grandes obras, como todos podem perceber, porque não se trata de uma composição com a série de doze tons. É uma daquelas composições que se escreve para desfrutar do próprio virtuosismo e, por outro lado, para dar a um certo grupo de amantes da música — especialmente das bandas — algo melhor para tocar. Posso garantir, e até acho que posso provar, que tecnicamente esta peça é uma obra-prima”.

Vincent Persichetti (EUA, 1915-1987) começou a ter aulas de piano aos cinco anos, teoria musical aos oito e aos catorze já compunha. Estudou com Roy Harris e Fritz Reiner, tendo sido mais tarde professor no Conservatório de Filadélfia e na Juilliard School em Nova Iorque. Escreveu várias obras de música de câmara e para banda, nove sinfonias e concertos para piano, bem como música de bailado e sonatas a solo. As suas partituras combinam frequentemente elementos clássicos, românticos e modernistas.

A Sinfonia n.º 6 para banda foi estreada em 1956 pela Banda Universitária de Washington. Em 1964, o compositor escrevia: “a música para banda é realmente o único tipo de música na América, hoje (fora do campo da pop), que pode ser introduzida, aceite, colocada à disposição de todos e tornar-se um elemento essencial da literatura musical em pouco tempo”. Sessenta anos depois da sua composição, a Sinfonia de Persichetti continua a ser apreciada como uma obra fundamental do repertório neste género.

Diogo Costa direcção musical

Nascido em 1989, Diogo Costa é um jovem maestro com experiência num vasto repertório musical, que abrange desde a música antiga até à música contemporânea.

Entre os seus projectos recentes e futuros incluem-se os convites para dirigir a Hallé Orchestra (The Bridgewater Hall, Manchester), a Orquestra Nacional de Gales da BBC, a Filarmónica da BBC, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra do Norte, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra d'Almada, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a West European Studio Orchestra. Tem vindo a gravar com esta última em diversos estúdios, entre eles o lendário Abbey Road, em Londres.

Nutrindo um interesse especial pela ópera, Diogo Costa tem vindo a trabalhar na produção de várias óperas com alguns dos mais destacados encenadores e maestros. Em 2019, trabalhou como maestro assistente de Lorenzo Viotti na produção de *Romeu e Julieta*, de Gounod, com a Orquestra e Coro Gulbenkian. Ainda em 2019, foi maestro assistente de David Azagra na produção de *O Elixir do Amor* de Donizetti no projecto “Opera Jóven”, em Espanha. Recentemente estreou-se enquanto maestro principal na produção de *A médium* de Menotti, no Operafest Lisboa, que recebeu as melhores críticas internacionais.

Presença constante em diversos concursos internacionais, foi finalista, em 2020, no Mackerras Fellowship da English National Opera e semi-finalista na Siemens Hallé International Conducting Competition.

Iniciou os estudos musicais na Banda de Música de Antas (Espósende), prosseguindo-os na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 2010, começou os estudos em Direcção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra — Metropolitana, com o conceituado pedagogo Jean-Marc Burfin. Concluiu com distinção a pós-graduação no Royal Northern College of Music de Manchester (Inglaterra), onde frequentou o Mestrado em Direcção de Orquestra sob a orientação de Mark Heron e Clark Rundell. Aqui teve a oportunidade de trabalhar como maestro assistente de Juanjo Mena, John Storgårds e Sir Andrew Davis na Orquestra Filarmónica da BBC, e Vasily Petrenko na Orquestra Filarmónica Real de Liverpool. Em complemento, tem realizado masterclasses com Sir Mark Elder, Peter Eötvös, Martyn Brabbins, Douglas Bostock, Johannes Schlaefli, Jean-Sébastien Béreau e Emilio Pomarico. Em 2013 participou como maestro assistente de Boris Gruzin na produção do bailado *Cinderela*, de S. Prokofieff, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Companhia Nacional de Bailado.

Actualmente é Director Artístico e Maestro da Banda de Música de Antas — Espósende, com a qual tem vindo a conquistar diversos prémios dentro e fora do país, e professor de Orquestra na Escola Profissional Artística do Alto Minho.

No decorrer da presente temporada, para além de concertos já agendados com diversos agrupamentos, Diogo Costa estreia-se à frente da Orquestra Gulbenkian.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação a 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projecto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Night and Day* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, incluindo vários músicos que integram a formação. Alguns concertos contaram ainda com a participação de vários coros e com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. A BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também a orquestra.

Destaca-se a realização de concertos nas principais salas de espectáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Lleganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve os 1.ºs prémios no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1.ª secção, e na categoria superior (Concert Division) do 60.º World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições daquele que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014, a BSP realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, realizando cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaxing. Participou em 2017 na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Realizou em Novembro de 2019 uma digressão às Canárias, actuando em Tenerife e na Gran Canaria.

Outros objectivos passam pela organização de masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção (contando-se já 25 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça). Em 2017, deu início ao festival BSP Júnior, que reúne anualmente centenas de jovens promissores instrumentistas.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flautas

Herlander Sousa
Carolina Brito
David Leão (piccolo)

Oboés

Pedro Moreira
Fernanda Amorim

Fagotes

Pedro Rodrigues
Carlos Soares

Clarinetes

Crispim Luz
Horácio Ferreira
Ana Rita Petiz
Nuno Sousa
João Ramos
Luísa Marques
Rui Lopes
Isabel Ferreira
Pedro Ramos
Alexandre Abreu
Sara Costa
Catarina Pereira
Filipe Pereira (requinta)
Mário Apolinário (alto)
Daniel Amaro (baixo)

Saxofones

José Pedro Gonçalves (alto)
Gilberto Bernardes (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Raquel Castro (tenor)
Marcelo Marques (barítono)

Trompas

Rui Pires
Hugo Sousa
Nélson Silva
Nuno Silva
Hélder Vales

Trompetes

Telmo Barbosa
Carlos Martinho
Tiago Ferreira
Sérgio Pereira
João Sousa
André Santos

Trombones

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Gonçalo Dias (baixo)

Eufónios

Nuno Costa
Inês Luzio

Tubas

Jorge Fernandes
Fábio Rodrigues

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
Jorge Lima
Luís Santiago
Pedro Góis
Paulo Mota

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Ana Raquel Cunha